

O TIL

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.

PUBLICAÇÃO DA TARDE.

N. 14 }

1875.

{ ANNO I.

LITTERATURA.

A rosa.

Se queres ler um romance lindo, uma epopéa da vida, acompanha o nascer e viver da rosa, em todas as suas phases.

Ella nasce, vive e morre, como todos os seres animados.

Ha entretanto, uma differença bem notavel, entre a vida desta flor, e o comum das outras.

Como na sociedade ha grãos de elevação, ella parece dominar todas as mais, com arrogancia e orgulho... e na verdade, a rosa pôde orgulhar-se de seus meritos no meio das outras, já pela fragancia, já pela belleza.

O bouquet que não apparece á rose, é um quadro sem pontos luminosos do claro-escuro, não ha relevo, ou por outra phrase, é um bouquet sem vida, aquelle, em que se não ostenta por uma linda rosa.

A rosa é a flor dos namorados, pelas suas cores traduz diversas affeições, a rosa branca e o symbolo da perpetuidade, vinculo dos laços conjugaes.

Apenas a rosa em botão, a natureza a acerca de cuidados, que denotão a preciosidade do seu futuro.

Revestida das bráceas que se comprimem para reguardar a flor; o botão se desenvolve pouco a pouco, e d'ahi desbrocha a rosa, que ha ser.

A infancia da flor não está tão sujeita aos perigos, como mais tarde desbrochada.

Se as côres do botão erao mais vivas; a rosa no seu desvanecimento pubero, ostente não somente a maciesa e gradação das mesmas, mas sobretudo a volupia encantadora da maciesa de suas petalas que são roboradas pela fragancia.

Nesse estado de perfeição, a rainha das flores se achia exposta a todas as especies de ataques, ainda que suas haste estejam cercadas de espinhos; ella não escapa à avidez dos cubiçosos...

Se a abelha afere, em breve lhe succede o seu amortecimento; as petalas se embranquece e desdobra-se cahidas sobre o pedunclo; sem viço, mostrã ao longe, que nos jardins já obteu o primeiro logar, e que então reinava...

Dias após despida das petalas, não lhe resta mais do que o arcabouço, representado no calice, testificando-o assim nada das vaidades mundanas.

A rosa nasceu, viveu e morreu. Podia ornar um peito casto, e a fronte mais poluida...

Ha rosas que se prestão á um romance, outras que o rythmo da epopéa ainda não fallaria bastante o que pederião ellas ser ante a nossa sociedade.

Estudai a rosa, leitores, que vos offerece uma pagina interessante da nossa vida....

A vaidade e o seu nada.

VARIEDADE

AVENTURAS SENTIMENTAES
DE UMA FLORISTA E DE UM ESTUDANTE

PASSADAS NO RIO DE JANEIRO
 Com licença de Arsène Houssay
 (Continuação)

TOMO TERCEIRO
V
ALBERTINA A ADOLPHO

«Hontem esperei-te de novo á tua porta, e fugiste de mim; passaste pela rua e acotovelaste-me sem me vêr; que golpe para o meu coração! Recusas ouvir-me, e no entanto eu só quero fallar-te nõ meu amor, ja posso dizer que amo, e agora que me sinto purificada... Estou bem doente; tanto melhor! Se não vens, virá a morte... Sou bem desgraçada, Adolpho! Onde está minha antiga alegria? Perdendo-te, tudo perdi. Se eu quizesse ter amantes, bastaria abaixar-me; mas não, meu infeliz coração nõ é como a borboleta que vai em procura de novas flôres. Ah! se soubesses quanto soffro! Escreve-me; tua carta me fará bem, ainda mesmo que ella seja tão má como a ultima, ao menos receberei alguma cousa de ti. Se nosso amor podesse recommençar... Louca,

«Envio-te o anel de cabellos de tua irmã; fiquei por ciumes um dia com elle. Volta. Adolpho. não sejas cruel; quan-

do eu ouço passar alguém na rua, arrasto-me até a janella, mas... debalde... Ai de mim! Se ao menos passasses na rua e levantasses a cabeça, ah! eu me lançaria em teus braços.

«O ramalhete que me deste, está humido das lagrimas que sobre elle tenho derramado, pobre ramalhete; foi o ultimo sorriso que me deste.

«Adeus, adeus! amo-te, Adolpho, e definho lentamente,—«*Albertina.*»

VI

Quando Albertina acabou de escrever esta carta, passou-a por cima da luz, não para seccar a tinta, mas para seccar as lagrimas que haviam cahido sobre ella

—E' a ultima vez que lhe escrevo, murmurou ella. E atirou ao chão a penna.

Levantou-se a custo da cadeira, e foi prostar-se á janella, como se a carta já tivesse chegado ao seu destino.

D'ahi a pouco teve um deliquio; a pobre moço pensou que ia morrer. Deitou-se no leito, e pediu a Deus que se apiedasse de sua sorte.

Como já dous dias havia passado sem dormir, pôde afinal conciliar o somno; mas, a todo o instante ella despertava com o ruido que se fazia na rua.

—Eil-o! exclama va, levantando-se.

E corria antão á porta, nem uma pessoa parava.

RODA-PÉ DO «TIL»

Dilectissimos Redactores.

Bastante envergonhado me apresento hoje, por não ter strictamente cumprido a promessa que vos havia feito, de vir massar-vos hebdomadariamente com as minhas insulas *regrinhas*: ponderosas razões a isso me obrigarão, pelo que espero que me deis a necessaria desculpa. Demais, reconheci que com a minha ausencia os vossos trabalhos marcharão às mil maravilhas, tornando-se por isso dispensavel o meu fraco contingente.

As produções, q' em bella prosa e em sonoros versos tendes dado á publicidade, são assaz sufficientes para recomendarem o sympathico *Til* e dispensarem o concurso de minha vacillante penna.

Entretanto tem sido para mim motivo de grande reparo (permiti-me a franqueza) que um periodico como este, unico litterario que se publica nesta Provincia, tenha uma circulação tão limitada, a ponto de sua existencia ser ignorada pela maior parte da classe mais illustrada d'esta Capital.

Resta, porem, saber a quem attribuir esta falta, se aos jovens encarregados da publi-

A' tarde teve ainda uma esperança : recebera afinal uma resposta de Adolpho.

A infeliz beijou essa carta muitas vezes, e abrindo-a, leu com emoção :

« Minha bella tens geito para finalizar romances. Este final está um pouco lugubre, tetrico, mas hoje è moda. Minha nova amante fez-te a justiça de dizer que a tua carta é uma obra prima de candura e de paixão, eu t'a reenvio, porque ainda te pôde servir Como velho amigo, aconselho-te que não faças tantos romances de nma vez : gastas assim o teu talento. — Adolpho. »

(Continúa.)

Carta curiosa de um artista.

NA OCCASIÃO EM QUE ENCARDENAVA UM LIVRINHO DE POESIAS QUE LHE ENVIARA SUA ELLA...

Senhora.—Quando desfolho tuas paginas bellas, as serroto para fazer os gratos frisos por onde devem ser costurados, penso que offendo o lombo do teu grato pensamento. Vão ser cosidas tuas folhas douradas e alcativadas, e queria que essas mesmas paginas não fossem martelladas pela mão do infeliz—artista—; sinto o ineffavel affecto de pura amizade e fortificante amor quando vou encadenar o livro que è tua composição. Não sabes, como, sou curioso em revêr essas paginas (que amor encerra) e apa-

cação d'este orgão de suas producções, ou se à indifferença do publico.

No primeiro caso (a que mais me inclino) a falta é remediavel, e cumpre reparal-a quanto antes; no segundo, porem, (o que duvido) não ha remedio a applicar-se, por que a indifferença é um mal incuravel.....

Os factos, porem, pronuncião-se eloquentemente em favor de nossos conterraneos; porquanto, não è este o primeiro jornal litterario que entre nós se tem publicado; outros; que gloriosamente completarão o seo estadió, receberão inequivocas provas de a-

ral-asa esquadro tão certo, como amarem-se dous corações; ao cortár o papelão, tenho certeza de não esmagar, para assim poder dar no dorso de teu cofação o mais innocente encaixe do amor que me devora ; vou rudossar em uma prensa as innocentes linhas traçadas por tua mão juvenil, e então sinto um torturoso golpe, vendo o maço ou o martello arremeçar-se aos antros de tuas paginas divinas; nada mais pôde acontecer ao teu infeliz amante, dirijo-me então ao contra-mestre com semblante alegre e vacillante, e peço-lhe o velludo de clara e elegante cõr para cobrir o fructo de tua alta intelligencia. Quando emprego esse velludo leio e releio o nome da aurora, e nasce-me nesse momento de venturas maior vontade de encardernar-te !... cubro teu cofre de sagradas melodias, e sinto-me orgulhoso! Mais tarde collo as guardas de seda, guardas essas que guardão o incessante amor que te consagro ; nesse momento a idéa vacilla, por não poder mostrar-te um trabalho muito mais digno, que fizesse face à tua alta intelligencia !... Deposito teu precioso thesouro, nas mãos do dourador para embelleza-lo com uma chapa, e por no centro tuas queridas iniciaes, essas que respeito e adoro tanto como Deus aos seus anjos !... Serei feliz, senhora, se com o fructo de meu amesquinhado trabalho acompanhado de pequena idade, chegar

preço e benevolencia do nosso publico illustrado.

Reparai, portanto, essa falta tão grave, que talvez involuntariamente tendes commettido, alargando no espaço infinito da sciencia o circulo em que gyra este astro refulgente da litteratura.

Fazei conhecido de todos o grato mensageiro de vossas lucubrações, para que se reconheça que n'este abençoado torrão ainda existem mancebos que se dedicão ao cultivo das letras patrias.

TIRTÊO:

um dia possui-la, e então poderei dizer
que a vida do artista é vida de anjo.

Teu até á morte

M. JUNIOR.

POEZIAS.

Saudades.

Tenho saudades, donzella,
daquella noite, no baile
que vi-te faceira dançando,
co'os cabellos ondeados,
prendias-me em cada volta
que davas gentil walsando.

Vi-te sorrir n'um momento
n'um momento de silencio,
lancei-te um olhar constante;
e tú donzella, sorristes
sorristes co'os labios puros
com olhar terno, innocente.

Fallei-te pois em amores
e tú para mim sorristes,
respondestes em segredo ;
com olhar já de amores,
eu quero amar, não sei como
não sei como...tenho medo !

Sonhei por toda essa noite,
se sonho, pois, até hoje,
mas, só me resta a lembrança,
da noite em que junto a tí
amei-te, mesmo não sei,
amei-te, casta criança.

Janeiro—75.

SANTOS NEVES.

Foi n'uma tarde.

—A' TIL.—

Foi n'uma tarde, que te vi donzella,
Casta e singella, para mim Sorrir,
Dêste um alirio ao meo triste pranto,
Dêste um encanto para o meo porvir.

Foi n'uma tarde, que te vi faguera,
Possar higeira (como a fada pura,
Com passos leves) como a doce aragem
A tua imagem, que me deo ventura.

Foi n'uma tarde, que me dêste amar
Tão doce odor, para minha vida;
Que era triste como a flôr myrrada,
Já desprezada e no chão cahida.

Foi n'uma tarde, que lembrei a vida
Que tão descrida, ja me era então
Vi-te, donzella, para mim sorrir,
Dando existir ao meo coração.

Foi n'uma tarde, em que eu pranteara
E lamentava minha triste sorte.
Que vieste pura, como um anjo... Sim !
Sorrir p'ra mim, me arrancar da morte.

Foi n'uma tarde, mas que tarde linda,
Eu tenho ainda, a lembrança d'ella ;
Que vi-te...virgem, pare mim olhar,
Qual um nacar, com a perolla bella.

Antonio C.

Charada

GRAMMATICAL.

(Ao logographista Catharino.)

Sou pronome,	
Artigo e preposição ;	1
Verbo regular,	1
Sou tambem interjeicção	1
—Conceito—	

Interjeicção.

H. Silva.

ACROSTICO.

Meus olhos se extarsião em contempla
Os traços de teu rosto tão gentil,
Minha de primor, decantos divo,
Meu, s, anjo, qual sol, que rutilante
No gazeo firmamento campeando,
Minunda de luz a terra, o mar.....
No meu peito ateaste ardente chamma...
Habitas em minh'alma...n'ella imperas.
Mavel mareninha, eu só te amo!.....

Catharino.

A decifração dos logographos publica-
dos no numero antecedente é — *escriptu-
rario*—, *civilidade*— e —*camarada*—, e
da charada é — *vesicatorio*.

Typ. do «Conservador.»